

Negritude

INFORMATIVO DO MNU-PE - N° 8 - NOVEMBRO/DEZEMBRO-94

20 de Novembro

Legalização das Terras dos Remanescentes dos Quilombos

Aproxima-se o aniversário de 300 Anos de Morte e Resistência de Zumbi dos Palmares e todos os eventos que foram realizados pelas diversas entidades que compõem o Movimento Negro, a nível de Brasil, fizeram referência a esta data, durante as atividades da Semana da Consciência Negra. Os 300 Anos de Zumbi tem um significado muito especial para todos nós, negros, principalmente por ser ele um dos poucos heróis negros conhecidos no Brasil. Reverenciar o aniversário de seu assassinato é também reverenciar os trezentos anos de resistência continuada do negro, tanto nos espaços rurais, permanecendo em quilombos até hoje, como nos espaços urbanos, onde as favelas, os alagados, os bairros negros, também são novos quilombos.

A história dos inúmeros quilombos que povoaram o Brasil no passado, a exemplo de Palmares, liderado pelo Guerreiro Zumbi, resistiu até hoje em inúmeros recantos do país. São quatrocentas comunidades catalogadas no Maranhão, outras tantas no Pará, outras em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Goiás, etc. Nem sequer possuímos os dados corretos de quantas comunidades existem em cada estado (exceto Maranhão). Porém, há certeza



irrefutável de que elas se encontram em todos os cantos do Brasil. Muitas vem travando lutas anos a fio, pela legalização de suas terras, como forma de preservar sua subsistência e sua cultura.

Em 1988, com a promulgação da última Constituição Federal, um tímido artigo, incluindo entre as Disposições Constitucionais Transitórias, passava a garantir a titulação das terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos a seus verdadeiros donos, ou seja, os negros que nelas habitam secularmente. No entanto, passaram-se seis anos, e até agora, nenhuma comunidade foi beneficiada por essa lei. O Estado coloca inúmeros obstáculos, argumentando que só pode titular as terras quando o artigo for regulamentado, a partir de um Projeto de Lei. Por outro lado, inúmeros juristas, ligados às entidades que vem trabalhando essa questão, reivindicam que esse artigo seja considerado auto-aplicável, não necessitando assim de qualquer regulamentação. As controvérsias são muitas.

Algumas comunidades conseguiram titular suas terras por outras vias, como o quilombo de Frechal, no Maranhão, que, apesar de ter sido reconhecido oficialmente como remanescente de quilombo, teve suas terras legalizadas como Reserva Extrativista. Uma parte da comunidade de Kalunga, no estado de Goiás, teve suas terras protegidas pela Lei do Sítio Histórico. No entanto, essas medidas, apesar de protegerem a área, não dão às comunidades a propriedade das terras, pois estas continuam pertencendo à União.

Para nós, do Movimento Negro Unificado, a maior homenagem que pode ser prestada à Zumbi, nestes 300 anos, é a garantia da posse da terra às comunidades negras rurais. Neste sentido, estamos encaminhando uma luta nacional, através do acompanhamento a quatro comunidades no Brasil: Rio das Rãs (BA), Kalunga (GO), Castanho e Conceição das Crioulas (PE).

Nosso trabalho tem sido desenvolvido tanto junto as próprias comunidades diretamente, como no contato com outras entidades e inclusive órgãos públicos, no intuito de divulgar essas lutas, articular essas comunidades a outras do país e exigir a ação da justiça para a legalização das terras.

Aqui, em Pernambuco, podemos destacar o trabalho do MNU com as comunidades de Castanho e Conceição das Crioulas que estão localizadas em Garanhuns e Salgueiro, respectivamente.

Queremos aproveitar esse momento comemorativo do Dia Nacional da Consciência Negra, para ressaltar a importância de todas as entidades negras estarem engajadas nessa luta. A conquista da posse da terra pelas comunidades negras rurais é de fundamental importância para o futuro do povo negro do Brasil, não só como referência ao passado quilombola. Nós do MNU, dispensamos as festas, os selos comemorativos, os grandiosos eventos, em nome de uma homenagem infinitamente maior e mais importante: a garantia da terra para o nosso povo. Conclamamos todas as entidades a fazerem o mesmo e se unirem a nós nessa luta, que é de todos os negros brasileiros.

Mônica Oliveira
Coordenação Nacional - MNU

RUMO AOS 300 DO ASSASSINATO DE ZUMBI E A REPÚBLICA DE PALMARES

20/NOV. 94 À 20/NOV. 95

ANO NACIONAL ZUMBI DOS PALMARES

Os meios de comunicação publicam as retrospectivas dando uma geral no ano que passou, no entanto a ênfase é no otimismo para o ano que chega. Principalmente, quando este início coincide com posse de governo federal e estadual. O que não faltam são frases de tempos melhores.

Desde que chegamos aqui estamos lutando por este tempo. Até agora só ficamos com a pior parte.

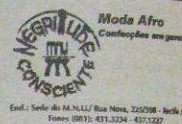
Ao nosso ver, o ano de 1994, foi determinante para nossas perspectivas. Começando pelos países africanos, assistimos a esmagadora vitória de Nelson Mandela sobre o regime racista da África do Sul, nas eleições presidenciais. Por outro lado o agravamento do estado de miséria do povo etíope em que a mídia fez questão de noticiar todo o tempo, mas que não foi suficiente para sensibilizar as for-

ças políticas da ONU em viabilizar campanha de caráter mundial de solidariedade aos irmãos etíopes. No Haiti, a intervenção imperialista norte-americana gerou uma onda de violência que abalou o país em toda a sua estrutura. Resta-nos torcer para que o povo do Haiti consiga resgatar sua histórica capacidade de luta e trace um novo caminho para seu país.

No Brasil, o quadro não teve grandes alterações. Só acentuações. As eleições confirmaram mais uma gestão política do povo branco. O álbum de fotografias do Congresso, dos palácios estaduais, das assembleias não nega o rosto, branco, do poder político deste país. Ao mesmo tempo o Rio de Janeiro, estado com maior número de favelas, vivendo uma intervenção do exército. E, não por acaso, vem do Rio de Janeiro nossas grandes perdas:

Hermógenes e Reinaldo assassinados em 13 de junho/94. Ambos participavam do comitê que apurava a chacina da Candelária. Além deles, perdemos a grande quilombola Lélia Gonzales.

Importante para nós, também foi o desenvolvimento crescente de lutas travadas por diversas entidades negras pela legalização das terras dos remanescentes dos Quilombos. Neste sentido, para nós do MNU o Ano Nacional Zumbi dos Palmares, terá como eixo central de luta a garantia da revisão constitucional no que diz respeito a esta questão.



Ed.: Sede do M.N.U. Rua Nova, 222/08 - Recife / PE
Fones (081): 431.3234 - 4373227

HISTÓRIAS DO NOSSO POVO

23 de Novembro

Revolta da Chibata

"Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar reapareceu
Na figura de um bravo marinheiro
A quem a história não esqueceu
Conhecido como almirante negro
Tinha a dignidade de um mestre-ala."

Clóvis e todas as lutas inglórias
Que através da poesia histórica
Não esqueceremos jamais... (*)

No início deste século a marinha brasileira conservava um triste costume, proveniente dos tempos do império e não oficialmente abolido, mas frequentemente aplicado na realidade: a chibata.

Uma chibatada consistia num determinado número de flagelos sobre a chibata, que era uma corda de luto molhado, atravessada por agulhas de aço e com a qual se golpeavam as costas dos

indisciplinados ao som dos tambores e na presença dos demais marinheiros.

Essa tortura se originou do caráter da marinha.

Enquanto no exército "existia" a possibilidade de promoção aos escalões da hierarquia inclusive para soldados negros e pobres, essa possibilidade não existia na marinha, que manteve desde suas origens um caráter altamente elitista, não permitindo nem pobres, nem negros nas suas hierarquias.

No dia 23 de novembro de 1910 o marinheiro Marcelino Rodrigues recebeu 250 chicotadas ou golpes no navio Minas Gerais e essa tortura foi a gota d'água que desencadeou a revolta entre os marinheiros.

Liderados, pelo marinheiro João Cândido, apelidado "almi-

rante negro", a marinha se revoltou.

Com os canhões voltados contra a cidade do Rio de Janeiro, a esquadra revoltosa, capitaneada pelos encouraçados São Paulo e Minas Gerais, enviou ao ministro da guerra uma mensagem exigindo a suspensão do uso da chibata com a ameaça de que - caso não fosse atendida - bombardearia a cidade e os navios que não se unissem à revolta.

A liderança de João Cândido foi muito importante, pois, sendo um simples marujo negro como a maioria manteve o ânimo dos companheiros, firmeza nas negociações com as autoridades, além de ter manobrado a esquadra com a habilidade de um oficial experimentado.

O governo teve que aceitar os termos da proposta dos mari-

nheiros, além de oferecer anistia a todos os revoltosos, o que depois não foi cumprido.

(*) Trecho da música "O Mestre-Sala das Mares" de João Bosco e Aldir Blanc, em homenagem a João Cândido, líder da Revolta da Chibata.

Fonte: Caderno CECUP.

EXPEDIENTE

O Jornal Negritude é uma publicação do Movimento Negro Unificado Seção/PE - Ed.: Rua Nova, 225/308 - Centro - Recife/PE. Fone: 453.2818

Coord. Imprensa: Almirante Simões Edição/Redação: Almirante Simões, Vilmos de Deus, José Alves Dias (Zeus), Marcelo Paulson. Diagramação e Composição: Vilmos de Deus

Impressões: Gráficas SINDESEPE. Tiragem: 2.000 exemplares. Agradecemos a colaboração de Simões, na pessoa de Sr. Leônidas Ylerius.

O HAITI E AQUI!

Compreender a realidade do Haiti é duplamente importante para a militância negra no mundo. Primeiro, em função da Rebelião Negra e a consequente expulsão dos franceses, no início do século passado, fenômeno que merece atenção particular. Em segundo, pelas condições atípicas em que se encontra o povo haitiano. Senão vejamos.

A era colonial gerou uma situação econômica que pôs o Haiti em evidência no mercado mundial, devido a sua produção de açúcar e café. Principalmente o açúcar, já que as suas safras superavam as de todas as colônias em conjunto. Esta prosperidade caminhava a par e passo com a violência racial do sistema escravista e as inevitáveis reações a ele. No final do século XVIII, toma a cena política uma sucessão de levantes, que desembocaram na rebelião arquitetada por Toussaint L'Ouvreture, liderança polêmica que transitou entre a condição de moderado e revolucionário.

Deste modo, o fato histórico que transformou o Haiti na única república



negra independente no contexto do século XIX, constituiu-se num fenômeno ambivalente. Ele, a um só tempo, havia dado estímulo às massas negras escravizadas nas Américas e mostrou também aos africanos nativos, e seus descendentes, que ganhar uma batalha não significa vencer a guerra.

Podemos afirmar que no Haiti houve uma expulsão física, mas não ideológica do autoritarismo e da concentração de poder, que perdura até nossos dias. O país que vemos hoje é consequência desta permanência ideológica e das renovadas formas de aniquilamento impostas pelos Estados Unidos, que invadiu o país em 1915, lá se mantendo por 10 anos. Ao sair do Haiti, o governo americano deixou mais um rastro de violência, miséria e sóli-

das alianças, estabelecidas com a burguesia local, cuja tradução mais fiel foi a ditadura "Duvalier".

O contexto haitiano atual envolve uma sinistra articulação entre o Estado, os latifundiários, que mantêm os camponeses aprisionados a um modo de produção semi-feudal, e a multinacionais americanas que, através de acordos absurdos, faturaram 100% dos lucros em investimentos feitos no país, cabendo-lhes apenas a incubência de empregar a população urbana, pagando salários extremamente baixos.

É este o quadro que Jean-Bertrand Aristide irá encontrar. E ele só poderá pensar um novo projeto de país, se conseguir desarticular esta perversa estrutura. Resta saber se as negociações com os Estados Unidos, para a sua reintegração ao poder, im-

pedem qualquer alteração nesta engrenagem.

Vale dizer que, se a mudança não vier com Aristide, ele poderá, pelo menos, significar um paliativo, num momento de tanta tensão e violência deliberada.

Um fator é inegável, o Haiti não tem como fugir do seu destino. A herança deixada por uma revolução abortada, confrontada com as ações do imperialismo, impõe ao Haiti um único caminho, que é romper com as relações de poder existentes no país. Esta será a segunda revolução negra. Um processo que pode ter início com o resgate da cidadania e, portanto, com a possibilidade de organização política da sociedade civil, e tudo o mais que a era Aristide puder proporcionar.

Se isto se consolidar, a perspectiva de futuro começará a ser desenhada e o povo haitiano poderá algum dia dizer com orgulho e, sem constrangimento:

"O Haiti é aqui".

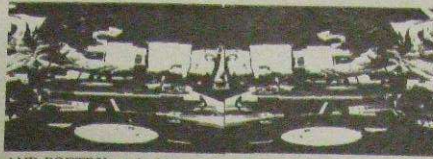
Nethio Beagueta
Coordenação Nacional - MNU

1995: 300 ANOS DO ASSASSINATO DE ZUMBI
LEGALIZAÇÃO DAS TERRAS DE QUILOMBOS

RAP - RÍTIMO E POESIA

Na África, antes da colonização, era comum a figura do Griot, pessoa que tinha o conhecimento da história de seu povo e que podia relatar, sem titubear, fatos ocorridos em sua família, desde a época de seu avô, ou até mesmo tataravô, sem ter que recorrer a nada escrito, apenas guardado em sua memória. Só foi possível para Alex Haley, conhecer a estória de sua família e escrever o livro Raízes, através de um Griot, que ainda hoje existe na África com raridade. Já nos idos dos anos 70, nos guetos novaiorquinos, os larsatomos tocavam um estilo de reggae chamado "toasting".

No início da década de 70, nos guetos de Nova York, estava surgindo uma nova maneira de se fazer música, o RAP. A palavra é uma abreviação de HYTHM



AND POETRY, traduzido quer dizer: ritmo e poesia. Porém o estilo que dizer ATTITUDE: livre expressão, realidade de vida do povo negro, identificação racial, resgate cultural, social e político. Um dos primeiros lançamentos foi o disco do NWM (Nigger With Attitude - Negros com Atitude). Inicialmente o rap era falado apenas no meio das músicas, nos momento instrumentais (grooves), cortes, mixagens ou scratch (ato de mover o disco em sentido con-

trário, tirando um som arranhado do contato da agulha com o disco, esta é uma tarefa do dijei (DJ) "Disc-Joquei".

O emeci (MC) "mestre de cerimônias", aproveita esses momentos para fazer refrões que o público respondia, agitando assim, os frequentadores de bailes. Os DJ's foram alongando os scratch, fazendo com que os MC's pudessem passar mais tempo falando. O rap não é cantado e sim falado em versos rimados, sobre vários temas do dia-a-dia do povo

negro, dando aos reppers toda semelhança com os Griota. Apesar de ter sua origem no funk, o rap também tem uma forte ligação com o "toasting", o reggae dos jamaicanos dos guetos novaiorquinos.

Rogo por Olorum para que deixem, nós negros, discutirmos sobre a melhor forma de expressar nossa cultura e que não apareçam os brancos (parasitas culturais) para descaracterizar o rap, como fizeram com o samba, o rock e o samba reggae e tentam fazer como o afoxé, a capoeira, o reggae e o maracatu. Já que, pela sua incapacidade de criar uma cultura de expressão própria, fazem uma cultura onomatopéica.

Negros com Attitude

Zeca
Militante do MNU - PE

ESPAÇO AZEVICHE

* Tendo como eixo central a luta pela legalização dos terras Remanescentes de Quilombos, o Ano Nacional Zumbi dos Palmares foi lançado no dia 18/7/nov com uma passeata organizada pelo MNU/PE que contou com a participação da Banda do Duruê Malungô, representantes da Banda Lamento Negro, Banda Oxigênio e do Centro Solano Trindade. Dando prosseguimento às atividades do Ano Nacional Zumbi dos Palmares, no dia 20/nov, subimos a Serra da Barriga, Galpão da República Palmarina, reafirmando assim nosso compromisso com o povo negro Brasil Quilombola.



* A Comunidade do Pina realizou diversas atividades em comemoração a Semana Nacional de Consciência Negra, no dia 27/11/94, finalizando com um grande arrastão pelas ruas do bairro, o MNU registrou sua presença.

* Desperta Povo da comunidade de Chão de Estrelas, homenageou no ano de 94, o quilombola Josafá Mota, pela sua atuação no Movimento Negro Pernambucano.

* O Sr. Luis Calixto do Coco Arcoverdense, deu um show na XIII Noite do Cafuné (03/12/94), assim como todos os grupos que vieram colaborar dando o seu AXÉ, para finalizar as atividades desenvolvidas pelo MNU neste período.

Valeu Povo Negro.

* O Centro Solano Trindade realizou nos dias 8 e 9/nov, I Seminário Estadual de Educadores Negros e Educadoras Negras.

* O Comitê Recife em defesa de Castainho, foi instaurado no dia 28/out, no auditório do SINDSEP. Castainho é uma comunidade remanescente do Quilombo de Palmares, situada em Garanhuns/PE. Na inauguração estavam presentes o Movimento Negro Unificado, Djumbay, Centro de Formação de Educador Popular Maria da Conceição, Grupo de Teatro Atual, o CIMI e o representante de Castainho o quilombola José Carlos.

Maiores informações sobre o Comitê em defesa de Castainho procurar uma dessas entidades acima. No caso do MNU/PE, o telefone para contato é: 231.7408 - Mônica.

* No último dia 27/nov, o MNU/Recife realizou em conjunto com MNU/Arcoverde, uma palestra intitulada "Quilombos - Resistência Negra". Esteve presente o quilombola Júnior, que fez a exposição da Palestra. No final, Sr. Luis Calixto fez uma roda de coco e foi o maior axé.
Valeu Quilombolas Arcoverdenses!

BLOCO ARRASTÃO ZUMBI/95
INFORMAÇÕES - MNU/PE